

CLUBE DA POESIA

Periódico mensal do Clube dos Poetas Cearenses



Foto: Divulgação

Em 1969, foi fundado em Fortaleza o Clube dos Poetas Cearenses – agremiação de jovens que se reuniam aos sábados. Foi ali que diversos jovens – com talento para as letras – iniciaram, e hoje figuram na lista dos principais autores da literatura cearense. Dentre os jovens idealistas que frequentavam a Casa, destacaram-se – Carneiro Portela, Márcio Catunda, Vicente Freitas, Guaracy Rodrigues, Mário Gomes, Stênio Freitas, Ivonildo Oliveira, Aluísio Gurgel do Amaral Júnior, Costa Senna, Zelito Magalhães, Carlos Gildemar Pontes entre outros. A escritora Nenzinha Galeno, neta do ilustre poeta Juvenal Galeno, foi uma das maiores incentivadoras desse movimento sociocultural.

No dia 25 de janeiro de 2025, às 14h na Casa de Juvenal Galeno, o Clube dos Poetas Cearenses, como uma fênix, renasceu.

POEMAS DE RENATO PESSOA

1.

As profecias,
todas elas, anunciam
o fim do mundo

já não é dor bastante
o fim da tarde?

As chuvas de maio são breves
e eu penso que os mistérios,
todos eles, cabem
na mesma constatação:

o amor é chuva fiel
nos vales alagados

(excerto do poema Exortação de
Maio, do livro SOLIDÃO
SINGULAR)

2.

AS CHAVES

Quanto tempo é preciso
para saber (com exatidão)
que porta errada
salvou nossa vida toda?

(poema do livro ESTE QUE
NUNCA SOUBE DAR NOME
ÀS PEDRAS)

RENATO PESSOA é escritor, crítico literário, ativista cultural, palestrante e professor de Filosofia. Estudou Filosofia na Faculdade Católica de Fortaleza e na Universidade Estadual do Ceará – UECE. Publicou, em 2011, O Corpo Arcaico. Em 2012, publicou Solidão Singular. Em 2014 organizou o livro Retratos De Abismo E Outros Voos – Antologia De Poetas Cearenses Contemporâneos. Em 2016 publicou A Paisagem Da Febre. Em 2017, publicou O Homem do Último dia do Mundo. Em 2018, participa do livro Cinco Inscrições da Mortalidade. Em 2019, participa da antologia Resistências Escritas. É um dos criadores do Sarau O Corpo-Sem-Órgãos. É um dos idealizadores da Escola Popular de Filosofia. Em 2021, publicou o livro Este Que Nunca Soube Dar Nome às Pedras. Em 2023 participou do livro Tiro De Letras 2 – Continuada resistência de uma prosa brasileira.

3..

TRAVESSIA

Acontece que todos nós
temos no fundo do peito
um rio permanente
todos os dias
de suas águas selvagens
somos levados e devolvidos

Apenas os mais fortes
se afogam

(poema do livro ESTE QUE NUNCA SOUBE
DAR NOME ÀS PEDRAS)

CLUBE DA POESIA

É um periódico mensal publicado pelo Clube dos Poetas Cearenses. Grupo literário fundado em 1969 em Fortaleza.

IREÇÃO CLUBE DOS POETAS CEARENSES:

Diretor Geral: Nonato Nogueira;
Secretário: Rangel Flor;
Diretor Administrativo-Financeiro: Elaine Meireles;
Diretor de Relações Públicas: Djacyr de Souza;
Diretor de Eventos: Jair Freitas;
Diretor Técnico-Artístico: Elcid Lemos.

EQUIPE DE APOIO:

Lucirene Façanha
Renato Bruno
José Leôncio de Lima
Leonardo Sampaio

JORNALISTAS:

Tiago Rocha de Oliveira - Registro nº MTB/JP 01293-ES
Gerardo Carvalho Frota - Registro nº 1679-CE, em 21/03/2005. DRT 002936/00-92

DIAGRAMAÇÃO:

Nonato Nogueira

CONTATO:

clubedospoetascearenses@gmail.com



Adquira seu exemplar:

(85) 988794891

Preço: 38,00 com frete grátis



VIDA NO CÁRCERE

A vida no cárcere é limitada.
Nosso corredor é bem estreito.
Apenas no sábado
temos visita.
Dela saímos
exausto de tanto viver
a semana em poucas horas.

Raimundo Oswald Cavalcante Barroso (Fortaleza, 23 de dezembro de 1947- Fortaleza, 22 de março de 2024). Foi um poeta, jornalista, folclorista e teatrólogo brasileiro. Participação política no período da ditadura, pela qual esteve preso várias vezes em Fortaleza e Recife. Pesquisador de arte popular (Cultura insubmissa, com Rosemberg Cariry, 1982), vários poemas musicados e varias peças (Teatro, 1988) encenadas no Nordeste. Ex-Diretor do Teatro José de Alencar e Professor de Folclore da UECE. Prêmio Estado do Ceará (1985). Prêmio Estímulo à Dramaturgia (FUNARTE, 1996). Medalha Brasileira Folclorista Emérito, concedida pela Comissão Nacional do Folclore.



Risódromo
onde o riso acontece

**Museu do
Humor
CEARENSE**

**Av. da Universidade, 2175
Benfica - Fortaleza - CE**





Foto: Divulgação

UNIVERSO

Sou o Universo.
 Sou também um gigante descomunal.
 Meu espírito é o sol.
 A quantidade de estrelas
 é a contagem de minha existência.
 O planeta Terra é uma das minhas mãos
 (a mão direita)
 Na minha mão direita
 ouço vozes e gemidos.
 Pequenos seres que correm e andam.
 Há muitos prédios e matagais.
 A minha mão direita
 é meu divertimento.
 Meu cinema.
 Não posso destruí-la
 senão ficarei sem vida.

Mário Ferreira Gomes nasceu em Fortaleza no dia 23 de julho de 1947. Concluiu o primário no Grupo Paulo Eiró em São Paulo. Terminou o secundário no Curso Humberto de Campos. Foi professor de filosofia do primário em vários grupos de Fortaleza. Passou pelo Curso de Arte Dramática da UFC sem concluí-lo. Tendências às artes plásticas e à caricatura. Tornou-se autodidata e boêmio.

ETIÓPIA

Andorinha de osso
 teu bico de osso
 tua semente de osso
 teu vôo de osso
 teu piado de osso
 tua rota de osso.
 Segue espectro de osso
 (correio nacional
 pavor da Etiópia)
 com teu silêncio de osso
 com tua palha de osso
 do osso da estiagem
 da cor do osso da fome
 da cor do osso da morte.

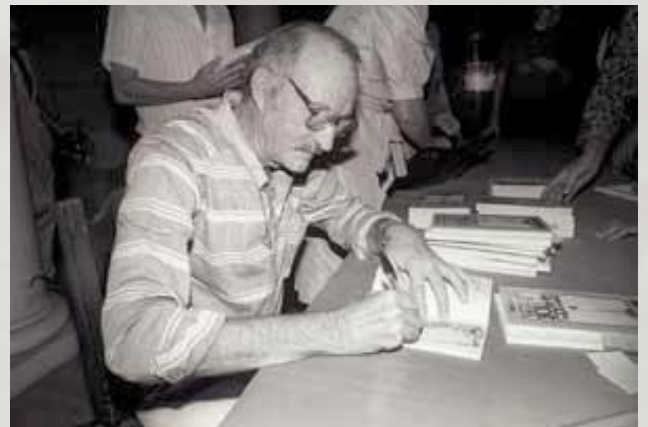


Foto: Divulgação

José Alcides Pinto, ficcionista e poeta, nasceu em São Francisco do Estreito, distrito de Santana do Acaraú, no Ceará. Foi professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade Federal do Ceará. Detentor de vários prêmios literários. Tem livros publicados na área do romance, novela, conto, poesia, teatro e crítica literária. É considerado um poeta de vanguarda e experimental.



Avenida da Universidade, 2175 - Benfica - Fortaleza - CE.

SEU NOME É PENSAMENTO

No deserto da praça,
à sombra de um benjamim,
repousa a alma da poesia.

Dizem que o poeta morava na praça.
A praça era o espaço do poeta.
Nesse espaço alheio à multidão,
ele dormia um sono descomunal.

Tragado pelo silêncio da noite,
o poeta soltava lágrimas secas.
Secas como as folhas de um benjamim,
que levadas pelo vento
comunicavam seu luto à cidade.

Dizem que o poeta era um simpático anjo
pornográfico.
Às vezes, um santo,
em outras circunstâncias, um bandido.

No banco da praça,
ele reunia seus amigos:
um saxofonista,
um violinista,
um artista plástico,
um engraxate.

Dizem que o poeta morava na rua.
Ele dizia morar dentro de seus sapatos,
com eles faziam as suas eternas caminhadas.
Seus sapatos eram sua morada.
Seu corpo é a memória de um rio.
Rio que invade a cidade, alaga e destrói.
Um rio pequeno,
que nos dias de cólera morre no mar.

No deserto da praça,
à sombra de um benjamim,
repousa o “escritório do poeta”.

Dizem que o poeta fincou suas raízes na praça.
Com o passar dos anos, envelheceu.
Suas raízes apodreceram,
ele tombou com o vento forte,
vendo macho da praça.
Vento cruel que levou para longe os versos do poeta.

Dizem que o poeta era um “maldito andarilho”,
aquele que caminhava sem horizonte.
Feito um cachorro vira-lata, não tinha dono.
Caminhava sozinho,
seguido por sua sombra.

Dizem que o poeta era um homem sexagenário.
Era apenas um poeta de carne e osso.
Às vezes, eterno, imortal.

Por obra do destino,
numa tarde de dezembro,
encontrou-se com Deus.
Numa esquina da cidade,
os dois foram vistos rindo e cantando.

Dizem que o poeta era “a personificação da poesia”.
Seu nome é pensamento.



Foto: Divulgação

Nonato Nogueira é natural de Fortaleza–CE. É professor de História, Filosofia. Sociologia. É mestre em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Escreve poemas e crônicas. É autor dos livros: *A solidão de Nietzsche*, publicado pela Caravana Grupo Editorial em 2023 e *O homem que morava dentro de si*, produção independente (2024). É organizador das *Antologias Cartas para Belchior* volume 1 e 2. Editor da *Revista Sarau Eletrônica* (ISSN 2965-6192). Contato (85) 988794891 - Instagram: @nonatonogueira45

NA CORRERIA DO DIA

Na correria do dia
Deixamos de contemplar
As coisas belas da vida
O sol, a lua e o mar
Uma flor linda e cheirosa
Um bom momento de prosa
Um sorriso de encantar

Na correria do dia
Falta tempo pro abraço
Pra degustar um bom livro
Se Refazer do cansaço
Visitar um bom amigo
Ser para alguém abrigo
Consolo e desembaraço

Na correria do dia
Não esqueça de se amar
Ter tempo para quem ama
Do corpo e mente cuidar
Bater um papo com Deus
Pedir para os dias seus
Um constante serenar

Devagar se vai ao longe
Diz um adágio popular
Então siga sem pressa
Onde deseja chegar
Com fé e determinação
A razão e o coração
Pro que vier enfrentar



Foto: Divulgação

ELCID LEMOS DE MOURA – cearense (Fortaleza). Cantor, compositor, cordelista. Herdou o talento do pai, um sertanejo apaixonado por repente e viola. Finalista no II Festival da Canção de Fortaleza (2019), com a canção Gonzagão não morreu. Gravou shows em 2021/2022 na TVDD/Festival Aralume/Casa de Vovó Dedé. Apresenta-se solo ou com o Trio SerTãoAmor.

FRAGMENTOS

Fragmentos de mim
caíram nos vales
e velhas estradas
caíram nos campos
e antigas montanhas
adubando Gaia

Fragmentos de mim
espalhou-se ao vento
fixou-se nas nuvens
misturou-se a chuva
e cantou nos telhados
até o amanhecer

Fragmentos de mim
caíram nos rios
como peixes poemas
fizeram a piracema
superando obstáculos
além das nascentes

Fragmentos de mim
foram dispersos
em corações humanos
para resistir ao tempo
ser memórias vívidas
quando eu não mais existir.

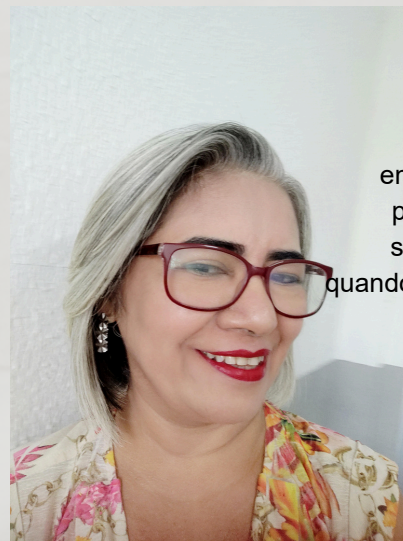


Foto: Divulgação

Leide Freitas. Cearense. Capistrano-Ce. Pedagoga, poeta e eacritora. É membro do Coletivo Escrevientes, Mulherio das Letras Ceará e Poexistência. Obras: Vidas Oscilantes. Reflexões íntimas - 2023 (Caravana), A casa da colina e o mistério dos jovens desaparecidos - 2023; O Tempo é Mulher-2024; Em tempos de pandemia - 2021 (Amazon) e O Diário de Sabrina - 2018 (SEDUC-CE). Instagram: @leidefreitas.escritora.

Domingo no Ar...

Domingo pela manhã
O sol vem acordar,
O vento traz lembranças,
E eu começo a pensar ...
Na calma de teus olhos
Em teu jeito de sorrir,
A semana vai passando
E eu esperando por ti.

Domingo no ar...
O tempo parece parar,
Deitado ao teu lado
Sem pressa de levantar,
E o mundo lá fora
Já pode girar,
Que aqui no meu peito,
Você vai ficar.

O café na mesa,
O celular na mão
Um abraço gostoso,
Só satisfação.

Os teus cabelos ao vento,
O teu riso a cantar,
Nossos bons momentos,
Pra gente lembrar,
O ritmo da dança,
Ao som do silêncio,
Sem sequer falar.

Os teus passos no chão,
A tua voz em canção
Me fazem delirar.

O Domingo termina
E você vai partir
E a lembrança do dia,
Que fizemos durar
Só no teu afago,
Encontro o meu lar
E espero ansioso
O Domingo chegar.

Marcos Abreu - poeta e escritor brasileiro.

INSPIRAÇÃO

Quanto mais os olhos se espremiavam
Mais as ideias fugiam
Tentava lembrar de um bom "causo"
Daqueles do sertão brabo
De um acontecimento marcante
E nada surgia...

Por um momento, pensei naquela fossa
O coração partido...
Aquele alegria mágica de um amor sincero
Mas o apagão na mente cortava todas as palavras
Nem sequer uma lembrança da infância
E nada surgia...

Calíope calou-se
Clio juntou-se a ela
Erato fingiu não ouvir
Euterpe silenciou toda e qualquer música
Melpômene gargalhou ante tal tragédia
Polímnia emudeceu
Terpsícore não dançou
Somente Tália percebeu que Tragédia e Comédia são fontes
de Inspiração!

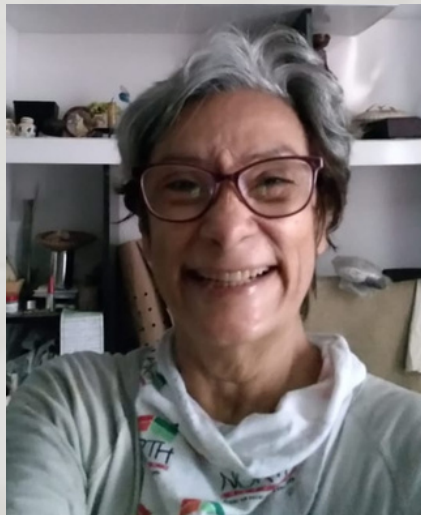


Foto: Divulgação

Elaine Meireles – Especialista em Literatura Luso-Brasileira, Professora Tutora da UFC/IFCE, Editora e Articulista da Revista Sarau. Autora da Coletânea Lápis Afiado (Análise de livros indicados para o vestibular; Estilos Literários Brasileiros.); Português – Vestibulares & Concursos. Participação nos livros Vivências de Leitura – uma análise linguística-literária das obras (org. Lucineudo Machado), Cartas para Belchior, v1 e v2 (org. Nonato Nogueira). Contato: ponchetart1@gmail.com

SEM A E SEM E - RUMOR DO POVO

O bloco composto no birô,
num colóquio histórico, informo, indico.
Como motor vivo, ousou um sonho,
um suspiro novo, um bom futuro.

Publico um rico opúsculo,
lógico, límpido, lícito,
com título sólido, sofrido,
no rumo do rumor do povo inculto.

Como ponto cingido no risco dum símbolo,
surgindo como sol solícito,
divulgo um pinga num rito rústico;
pulo do púlpito, conduzo, conspiro.

Convoco filósofos, biólogos, ontólogos,
holísticos, místicos dos Quilombos...
Juntos, cômicos, o coro crítico,
no cultivo do grupo implícito,
no incômodo modo do óbvio ofício.

Invoco no dito inscrito.
Insulto inquirir o injusto cínico, o jugo!
O bicho bruto, corrupto, fútil, inútil.
Grito no grifo profundo do Cristo.

Construo um corpo digno.
Físico, luminoso do fogo.
Óvulo do pó. Pronto! Útil! Vivo!
Húmus composto do cosmo primitivo.

Constituo um princípio próprio.
Rígido, rigoroso, vigoroso, crônico.
Incluo os loucos, os lúdicos do mundo.
Luto com louvor bíblico. Convivo!

Conquisto frutos ocultos dos indivíduos.
Ouço os outros ouvindo tudo:
o pior, o ruim, o riso, o proibido, o sigilo, o rio,
o ruído...
Consolo no conforto do porvir.

Pronuncio o ciclo chuvoso dos confins,
o cio do dilúvio do início,
do justo socorro dos choros,
do divisor lúcido construtor.

Sigo conscrito no conjunto convosco,
curioso dos custos, dos dízimos fictícios,
do luxo, do lucro, do juro, do lixo, do furto imposto.
Confio no motivo do dom divino.

Dói o insulto dos ídolos ilícitos,
implodindo no ruir dos sócios
com signos ou rótulos por si só,
como robô do suicídio suplício.

Um motim confuso ou tumulto,
no mundo mudo ou moco, obscuro,
com óbitos ou niilismo do ópio,
no ócio oco dos olhos omissos.

Imprimo no lombo do fóssil ou do fungo,
no duro frio cíclico, fixo, forçoso,
induzindo diluir um licor, um fluxo,
um frio condutor do próprio consumo.

Comigo miro o poço úmido,
único usufruto, líquido do uso.
Ligo unindo, ungindo, contrito...
Sinto nutrir no produto puro.

Do primórdio som infinito do último ritmo,
solto um grito, um grosso suor imunológico - contínuo
libido.

Jogo jocoso do pudor inibido,
giro moroso, utópico do ninho vívido.

Pulo do mundo do júri ortodoxo,
sumindo do sufoco sujo dos birôs-túmulos,
indo miúdo opondo os monstros,
supondo punir o peso do jugo nos ombros.

Concluo, por fim, o oculto motriz,
sutil, mítico, místico, vulgo do lírio.
Subo como vulto num odor do indulto,
por influir por mim como simplório micróbio.

Jonas Serafim de Sousa nasceu em 30 de março de 1962, em Recife, Pernambuco. É professor na Prefeitura de Fortaleza e atuante no Sindiute. Publicou seu primeiro livro na Bienal de 2022 em Fortaleza com a obra "Endyra: uma aventura na Amazônia". Em 2024, publicou "Poesofia". Residente em Pacatuba, Ceará. Publicações: jonaslivros.blogspot.com - Contato: (85) 9 8604.8862. Instagram: @jonas.serafim.

VARANDAS: ENCONTRO DE LUZ E SERENIDADE

Um dia acordei
Sem varanda.
Não pude
Mais receber
Visitas de bem-te-vis,
Das abelhas-europeias,
Das abelhas irapuãs.
Não pude mais
Ver as aulas de voos
Que as mães passarinhas
Davam aos seus bebês
No meu alpendre.
Não pude mais ver
As montanhas repletas
De árvores floridas,
Dos ipês roxos
E amarelos,
Decorando o meu horizonte.
Perdi o pôr do sol
Das tardes de verão.
Aquele arrebol
Repleto de magia que seduz.
Nesta manhã,
Acordei melancólica.
A varanda,
A minha varanda,
Tinha vida.
E era colorida. Fazia brilhar
O meu olhar
E sorrir o semblante.
Coroava o meu
Entardecer.
Mas acordei sem
Varanda.

Néia Gava - Especializada em Letras: Português e Literatura. É poetisa e escritora. Possui Antologias Poéticas publicadas. Acadêmica Correspondente da Academia de Letras e Artes de Venda Nova do Imigrante (ALAVENI). Acadêmica Correspondente da Academia Pan-Americana de Letras e Artes do Rio de Janeiro (APALA-RJ). Membro nº 001039 da Academia Internacional de Literatura Brasileira. Colunista da Revista Sarau (CE-Fortaleza). Coordenadora Diocesana da Pascom – Área Pastoral das Rochas. Coordenadora do núcleo Coletivo Escritoras Cachoeirenses. Colunista do Jornal Clube de Poesias (CE-Fortaleza).

TRAMA DA ALMA NA EXPRESSÃO ARTÍSTICA

Na sala escura da encantada existência,
surge a Tristeza, em véu de lembrança,
costurando silêncios desde a infância,
moldando em sombras a humana resistência.

A Raiva entra em cena, com passos firmes,
chamas nos olhos, punhos cerrados,
ela rompe os muros calados,
empurrando o artista além dos limites.

Mas eis que a Alegria dança leve,
com risos soltos e pés descalços,
ela pinta o céu com traços falsos —
ou verdadeiros, se o coração se atreve.

Nos bastidores, espreita o Medo,
com olhos grandes e voz pequena,
ele sussurra: “Cuidado com a cena”,
e nos salva, às vezes, do próprio enredo.

Por fim, o Amor atravessa a mente,
sem pedir licença, sem ensaio,
ele une os fios, desfazendo atalho,
fazendo surgir a inspiração, antes ausente.

O artista se expressa na tela em branco
com pinceladas em movimentos e cores,
a tinta sendo distribuída de modo franco
como se estivesse espalhando amores.

E assim, se inscreve a alma do artista:
um drama eterno, sem fim marcado,
onde cada emoção tem seu legado,
sendo ela, como sempre, protagonista.

Gilberto Carvalho Pereira é membro da Associação Cearense de Escritores (ACE), do Clube dos Poetas Cearenses e membro correspondente/Ceará da AGRAL – Academia Grapiúna de Artes e Letras, Itabuna, Bahia. É autor dos livros: Me chamam de poeta, o que não sou. Edição Própria, 88p. Fortaleza CE. (2015), Ela, poesias dedicadas – Edição Própria, 37p. Fortaleza, Ceará (2015), Na dimensão dos encantos – Ed. Koinonia, 102p. Belo Horizonte, MG. (2019), Moinhos de vento modernos e outras histórias – Ed. Pouchain Ramos, 192p – Fortaleza, Ceará (2013), Guirlanda de contos – Ed. Pouchain Ramos, 160p – Fortaleza, CE. (2018), Histórias que gosto de contar I - A jovem no Parque, 168p. eBook Kindle (2022), Zelinda - Silk Mania Industria Gráfica, 160p.– Fortaleza, CE (2025).

O ÚLTIMO BAILE

Estavam todos sentados
Adorando um pneumático,
Se pendurando num carro
Que passou desavisado

As pessoas já sabiam
Com muita antecendência,
Que o palco estava armado...

Iam tomar todo o paço,
O rei não resistiria
Pois tava velho e acabado .

Mas aí se esqueceram
Ao realizar o plano
Que havia outras pessoas
Configurando o espaço

Era cedo da manhã
Quando partiram pra cima
Quebraram todo lugar
Destruíram os objetos
Tirando fotos do estrago

Hoje estão encarcerados
E suplicam anistia
Esquecendo o que fizeram
Que está bem documentado

Os brasileiros reclamam
Não querem dar anistia
Fiquem todos quietinhos
Sem posar de coitadinhos

O Brasil é de nós todos,
Já aprendemos na escola,
Não queremos intrusão
Nem palpite lá de fora

Se for preciso brigamos
Não temos experiência
Brasil é lugar de paz
Vai embora satanás

Ana Rosa Carvalho de Abreu é Administradora, Advogada e economista . Foi professora em diversos níveis do ensino desde o elementar ao superior.

CADÊ VOCÊ, MULHER?

Cadê você, mulher?
Que na alforria
Seguiu nova estrada!
Já foste enjaulada
Foste ferrada
Como animal.
Foste ferida!
Que triste vida!
Calada, sempre estava
Cumprindo a jornada
De noite e de dia.
Que agonia!
Tinha como companheiras
As lágrimas que rolavam
Na tua face, a qual estampava
A dor que era
Obrigada a disfarçar.
Escondia teus sentimentos
Calava os lamentos
Que excluía o brilho
Que tinha no olhar.
Mas a esperança não perdia
Da liberdade encontrar.
Até que um dia
Com lutas bravias

Para a liberdade brilhar
Nas dores fez-se a escuta
Dos lamentos e dos ais.
Alguém gritou: "Jamais
Haverá escravidão!"
A bandeira da liberdade
Hasteada pelos ares
No quilombo dos palmares
Se fez deusa adorada.
Tu, mulher negra, foste libertada.
Seu peito livre estava
Seu coração sonhava
Uma nova vida encontrar.
Mas continuava escravizada
Pela sociedade machista
Que põe em ênfase a desigualdade
E sem piedade
Volta a te atacar.
Não permitas que ninguém
Te machuque, te discrimine.
Luta, dá um basta, bate as asas
Pois nasceste para voar.

MARIA VANDI DA SILVA TEIXEIRA (Pseudônimo Serena Luar) é natural de Acarape, Ce. Radicada em Fortaleza. Graduada em Letras. Especialista em Língua Portuguesa e suas literaturas. Livros publicados: "No Voar do Tempo" (poesias) em 2019, e "Poetizando Espinhos e Flores" em 2025 (Poesias). Faz parte de várias coletâneas, na Argentina, Portugal e Brasil. Pertence ao Mulherio das Letras Ceará e ao Clube dos Poetas Cearenses.

“O CÉREBRO”

O homem bala
Precisa do colchão de molas
Pra amortecer
A queda
O paraquedas
Precisa da precisão
Do paraquedista
Para que as cordas
Funcionem
Sem lhe causar
Frustração
O equilibrista
Conta com as redes...
Os pilotos de caça :
Com o botão de ejeção
A espaçonave
Tem as cápsulas...
Tem elásticos
Todos os prédios do Japão ...
Todo arranha céu
Que se preze
Tem para raio...
Rotas de fuga...
Todo mundo tem medo
De trovão...
O ser humano
Só não inventou
O que fazer
De forma saudável
Quando o
Próprio cérebro
Enfrenta
Um furacão...

Carlos H M Albuquerque -
Engenheiro, Poeta, carioca radicado há
25 anos em Fortaleza, fã da poesia de
Fernando Pessoa, Mario Quintana,
Drummond, Caetano Veloso e Renato
Russo

MERCENÁRIOS DIÁRIOS

Rua sim
Rua não
Um shopping
Um motel
Rua sim
Rua não
Uma templo evangélico
Uma farmácia

Casa sim
Eu paguei pra não viver despido
Ter algum bem ou conforto
Casa não
Eu paguei pro um pouco de amor
Aquecer meu corpo, espantar solidão
Casa sim
Eu paguei pra ter salvação
Comprei terras no céu e o paraíso eterno
Casa não
Comprei cura para minhas malezas e feridas
Um pouco de perfume,
Algun estimulante, ou antidepressivo

Rua sim
Rua não
Um shopping
Um motel
Rua sim
Rua não
Um templo evangélico
Uma farmácia

JOSÉ LEÔNIO DE LIMA – É cearense (Fortaleza). Desde cedo, ainda criança, conversava sozinho, histórias sem fim. Certo dia decidiu passar para o papel essas conversas e aí nasceu o escrivinhador. Aspirante a poeta, pensador, letrista. Participante do Festival de Música do SESI, para os Trabalhadores de Indústria, de todo o Brasil. Na fase cearense deste festival, chegou à etapa final com as composições: Flor do Arvoredo (2009) e Tenho fé (2010).

PORTA-RETRATOS

Eu te amo em eterno silêncio
Convém-me, não é desdém
Nunca — e de qualquer maneira séria —
A tua tristeza, minha alegria
O conformismo é a morte do sonho
A angústia da alma e do sonhador
Queria-te feliz em meus braços, você à
frente, e eu a seguir teus passos
Como teu sol a iluminar teu caminho
E tu como minha estrela-guia
A rompedora da minha agonia
Pelo menos antes tu do que eu,
já que o amor em ti morreu
Se a mim coubesse o que aconteceu,
jamais suportaria teu pranto, teu
desfalecer,
a tua dor, o teu impossível querer
Se a mim coubesse dizer e meu
retorno agendar,
só com o pingar de tua lágrima
eu me arrumaria para voltar
Não a deixaria de lado ao ver teu
choro colado...
com minha foto em porta-retrato



Foto: Divulgação

Gabriel Gonçalves Falcão é professor, poeta e pesquisador. Autor do livro de poesias *Primeiro Amor, Razão e Poesia* (2022), é licenciado em História e Pedagogia, com pós-graduação em Filosofia e Historiografia Brasileira. Atualmente, integra o programa *Memórias das Secas*, voltado ao estudo e preservação das experiências históricas e sociais do sertão.

PERDA

Posso fingir, se assim for,
Que não olhei seu retrato,
Que a calma me invade,
Que dormi direito.
Quando a lua reaparecer
Posso contar do sonho
Do tropeço no caminho
Quanto vale um olhar
Com riso e cheiro de mar
Abrigo e bem querer
Esse que tive em você
Mas perdi no caminho.

INTUIÇÃO

Imagem
A vitrine me chamou
No espelho me vi
Percebi num instante
A cor de um tempo
Que se foi

Pensar que no verso
Cada palavra extinta
Tem um peso
Antes não visto

O brilho dos dias
Embotados de distâncias
Levam e trazem
Sentimentos esquecidos
Na esquina da vida

Lucirene Façanha se fez escritora nos projetos do Sesc embora escrevesse desde criança. Pilhas e pilhas de cadernos e diários amarelados do saber apenas de sua mãe. Graduada em história com especializações em ensino. Tem dois contos longos em e-book na Amazon *O Elo e Silêncio sobre algodão*. Livros físicos *O homem na janela*, *Hecatombe* e *Pedro e a noite de São João*. Foi premiada nos concursos *Ideal* e *IFPB*. Coorganizadora da coletânea *Mulheres, Velas e Poesia*. Participa de inúmeras antologias e coletâneas. Integra vários coletivos e grupos de leitura.

SE NÃO HOUVESSE GAIOLAS

Vejo os pássaros voando,
cantando livres no ar.
Para que servem as grades
se o canto é solto no ar?

Quem defende a prisão
procura se justificar,
mas nada pode esconder
a dor de não poder voar.

Nenhuma gaiola explica
o silêncio que sufoca.
E como seriam seus cantos
se o mundo fosse a sua toca?



Foto: Divulgação

Bruno Porto Filho - Licenciatura em História e Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Funcionário público municipal aposentado da prefeitura de Fortaleza. Primeiro repórter comunitário a ir à Brasília. Sindicalista, produtor do Programa Gente de Luta na rádio FM Universitária de Fortaleza. Participou e ajudou a criar as primeiras Rádios Comunitárias no Brasil. Escritor e poeta, natural de Fortaleza, Ceará.

JUVENAL GALENO

Poeta e romancista
esse era o Juvenal
Galeno como artista,
um homem fenomenal.

Dois séculos ultrapassou
Juvenal foi literato,
de escrever não cansou,
sua arte é seu retrato.

Casa Juvenal Galeno
abriga literatura
com auditório sereno
tem verso, prosa e cultura.

Ligou-se à educação
e cultura popular
foi sua inspiração
pra Juvenal prestigiar.

Um legado cultural
inspirou a educação
assim foi o Juvenal
deixando inspiração.

QUEM SOU

Na trova sou trovador
No cordel sou cordelista
No poema educador
Na poesia sou artista
Na escrita escritor
E até pesquisador,
Na coluna - colunista.



Foto: Divulgação

Leonardo Sampaio é natural de Abaiara, Cidade do Cariri cearense, de onde traz suas raízes culturais. Instagram: Leonardo.Poetaeducador

NASCI NO SERTÃO

Sou filho de agricultores da serra
Aprendi plantar, cuidar e colher
Busquei água no rio pra beber
Comi dos vegetais da minha terra
Ao curral trouxe bezerros pra ferra
Depois na escola aprendi a leitura
Hoje meu hobby é literatura
Tenho sempre um bom livro ao meu lado
Eu nasci no sertão e fui criado
Ajudando meu pai na agricultura.

Plantei mandioca, milho e feijão
Pra mãe fazer canjica e tapioca
Um gostoso bolo de mandioca
Pra enriquecer nossa alimentação
Eu fiz também colheita do algodão
Plantei cana pra fazer rapadura
E depois da safra está bem segura
A família visitava o roçado
Eu nasci no sertão e fui criado
Ajudando meu pai na agricultura.

Peguei uma espingarda pra caçar
Tirei mel, armei as arapucas
Sofri muitas picadas de mutucas
Quando ia pro roçado trabalhar
Fui ao barreiro e pude observar
Um bando de avoantes em altura
Pousavam e banhavam na frescura
Onde as águas haviam se juntado
Eu nasci no sertão e fui criado
Ajudando meu pai na agricultura.

Eu vaquejei as vacas pro curral
Para tirar o leite de manhã
Encontrei nas flores de mucunã
Uma imensa beleza natural
Procurei encontrar no matagal
A morada de formiga e tanajura
Percebi que o tatu fundo perfura
Esconde pra não ser mais encontrado
Eu nasci no sertão e fui criado
Ajudando meu pai na agricultura.



Foto: Divulgação

José Roberto Moraes - Professor, poeta, cordelista e escritor araripense. Colunista da Revista Sarau e Membro Fundador da Academia Cearense de Literatura de Cordel (ACLC). Autor dos livros: "50 Sonetos", "Reforma Agrária e o Boi Zebu e as Formigas: uma análise sociológica", "Fantástico Mundo da Leitura", "Veredas do Cordel" e "Retalhos do Tempo"; e coautor em algumas antologias.

CORDEL MOTIVACIONAL

Se a tristeza te acorrenta
E fecha o teu coração,
Lembra: a vida se alimenta
De afeto e de doação.
Alegria é luz que esquentar,
Partilhada em comunhão.

Tristeza é porta fechada,
É muro, é solidão...
Alegria é caminhada,
É canto, é união.
Na partilha iluminada
Floresce a libertação.

Quem só vive de tristeza
Perde a cor da liberdade,
Mas quem cultiva a leveza
Colhe paz, felicidade.
Pois doar-se é com certeza
O segredo da amizade.

Alegria é movimento,
É chama pra se espalhar,
Tristeza é só um momento,
Não precisa demorar.
O amor é o alimento
Que nos faz ressuscitar.



Foto: Divulgação

Maria Patriolino, escritora e poetisa brasileira, natural de Sobral, no Estado do Ceará. Desde o início de sua carreira literária em 2020, quando publicou uma autobiografia, Maria tem se destacado como uma voz importante na literatura cearense.

CARTAS PARA BELCHIOR

LANÇAMENTO



Sábado
4 de outubro de 2025, às 15h30min
Performance
Roda de conversa
Música



Rua dos Pacajús, 123
Praia de Iracema- Fortaleza - CE



FORTALEZA
PREFEITURA | CULTURA



Risódromo
onde o riso acontece

**Museu do
Humor
CEARENSE**

Av. da Universidade, 2175
Benfica - Fortaleza - CE
Informações: (85) 9 99910460

Nordestinados a Ler

Sábado
Dia 11 de outubro
de 2025, às 9h



Apoio:



Av. da Universidade, 2346 - Benfica - Fortaleza

Realização:



**Lançamento
na Adufc**

ORGANIZAÇÃO:
Nonato Nogueira



Meu Deus, meu Deus. . .

Triste Partida

Setembro passou
Outubro e Novembro
Já tamo em Dezembro
Meu Deus, que é de nós,
Meu Deus, meu Deus
Assim fala o pobre
Do seco Nordeste
Com medo da peste
Da fome feroz
Ai, ai, ai, ai

A treze do mês
Ele fez experiência
Perdeu sua crença
Nas pedras de sal,
Meu Deus, meu Deus
Mas noutra esperança
Com gosto se agarra
Pensando na barra
Do alegre Natal
Ai, ai, ai, ai

Rompeu-se o Natal
Porém barra não veio
O sol bem vermeio
Nasceu muito além
Meu Deus, meu Deus
Na copa da mata
Buzina a cigarra
Ninguém vê a barra
Pois a barra não tem
Ai, ai, ai, ai

Sem chuva na terra
Descamba Janeiro,
Depois fevereiro
E o mesmo verão
Meu Deus, meu Deus
Entonce o nortista
Pensando consigo
Diz: "isso é castigo
não chove mais não"
Ai, ai, ai, ai

Apela pra Março
Que é o mês preferido
Do santo querido
Senhor São José
Meu Deus, meu Deus
Mas nada de chuva
Tá tudo sem jeito
Lhe foge do peito
O resto da fé
Ai, ai, ai, ai

Agora pensando
Ele segue outra tria
Chamando a fãmia
Começa a dizer
Meu Deus, meu Deus
Eu vendo meu burro
Meu jegue e o cavalo
Nós vamos a São Paulo
Viver ou morrer
Ai, ai, ai, ai

Nós vamos a São Paulo
Que a coisa tá feia
Por terras alheia
Nós vamos vagar
Meu Deus, meu Deus
Se o nosso destino
Não for tão mesquinho
Cá e pro mesmo cantinho
Nós torna a voltar
Ai, ai, ai, ai

E vende seu burro
Jumento e o cavalo
Inté mesmo o galo
Venderam também
Meu Deus, meu Deus
Pois logo aparece
Feliz fazendeiro
Por pouco dinheiro
Lhe compra o que tem
Ai, ai, ai, ai

Em um caminhão
Ele joga a fãmia
Chegou o triste dia
Já vai viajar
Meu Deus, meu Deus
A seca terrível
Que tudo devora
Lhe bota pra fora
Da terra natá
Ai, ai, ai, ai

O carro já corre
No topo da serra
Oiando pra terra
Seu berço, seu lar
Meu Deus, meu Deus
Aquele nortista
Partido de pena
De longe acena
Adeus meu lugar
Ai, ai, ai, ai

Patativa do Assaré (1909-2002) foi um poeta e repentista brasileiro, um dos principais representantes da arte popular nordestina do século XX.

No dia seguinte
Já tudo enfadado
E o carro embalado
Veloz a correr
Meu Deus, meu Deus
Tão triste, coitado
Falando saudoso
Seu filho choroso
Exclama a dizer
Ai, ai, ai, ai

De pena e saudade
Papai sei que morro
Meu pobre cachorro
Quem dá de comer?
Meu Deus, meu Deus
Já outro pergunta
Mãezinha, e meu gato?
Com fome, sem trato
Mimi vai morrer
Ai, ai, ai, ai

E a linda pequena
Tremendo de medo
"Mamãe, meus brinquedo
Meu pé de fulô?"
Meu Deus, meu Deus
Meu pé de roseira
Coitado, ele seca
E minha boneca
Também lá ficou
Ai, ai, ai, ai

E assim vão deixando
Com choro e gemido
Do berço querido
Céu lindo azul
Meu Deus, meu Deus
O pai, pesaroso
Nos filho pensando
E o carro rodando
Na estrada do Sul
Ai, ai, ai, ai

Chegaram em São Paulo
Sem cobre quebrado
E o pobre acanhado
Procura um patrão
Meu Deus, meu Deus
Só vê cara estranha
De estranha gente
Tudo é diferente
Do caro torrão
Ai, ai, ai, ai

Trabaia dois ano,
Três ano e mais ano
E sempre nos prano
De um dia vortar
Meu Deus, meu Deus
Mas nunca ele pode
Só vive devendo
E assim vai sofrendo
É sofrer sem parar
Ai, ai, ai, ai

Se arguma notícia
Das banda do norte
Tem ele por sorte
O gosto de ouvir
Meu Deus, meu Deus
Lhe bate no peito
Saudade lhe molho
E as água nos óio
Começa a cair
Ai, ai, ai, ai

Do mundo afastado
Ali vive preso
Sofrendo desprezo
Devendo ao patrão
Meu Deus, meu Deus
O tempo rolando
Vai dia e vem dia
E aquela fãmia
Não vorta mais não
Ai, ai, ai, ai

Distante da terra
Tão seca mas boa
Exposto à garoa
À lama e o paul
Meu Deus, meu Deus
Faz pena o nortista
Tão forte, tão bravo
Viver como escravo
No Norte e no Sul
Ai, ai, ai, ai

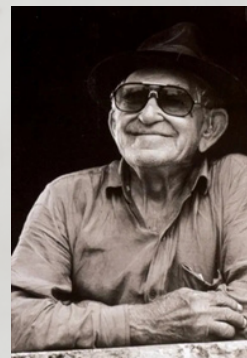


Foto: Divulgação

A LENDA DA TARDE E DO MAR

A tarde morena moça
que se espreguiça na praia
e em seu menstruo amarelo
fertiliza a beira-mar!

O mar teimoso rapaz
que na praia vem deitar
cortejando a loira trança
da bela do pôr-do-sol!

Conta lenda não contada
que a tarde é esposa do mar...
E que na praia esses dois
fazem núpcias todo dia!



Foto: Divulgação

CARLOS NASCIMENTTO – É cearense (Amontada), graduado em Pedagogia (UECE) e Planejamento da Educação (UNIVERSO-RJ). Professor, poeta, escritor, artista visual e compositor. Publicou Tutti-Frutti (Uma salada literária), textos diversos e Coquetel Molotov (Poemas). Tem poemas, contos e crônicas publicados em livros, revistas, jornais e mídias digitais. Publicado em mais de 20 Coletâneas e Antologias. É detentor de vários prêmios literários em verso e prosa. Possui ainda prêmios em música e publicidade.

VIVER EM PAZ

Viva encontros solidários,
Irradiando alegria.
Vencendo a tirania,
Enfrente o arbitrário
Regando a paz cada dia

Envolve em sua porfia
Muito amor, serenidade.

Praticando a bondade,
Acolha a paz como guia,
Zelando pela verdade!



Foto: Divulgação

MANOEL DIAS DA FONSÊCA NETO - Médico formado pela UFC - CE. Foi Secretário de Saúde de Fortaleza e de Beberibe. Publicou Desafios para a Saúde Pública do Ceará, Iracema Nosso Amor, Tempo de Nascer: O Cuidado Humano no Parto e Nascimento, Benditas e Guerreiras, Lendas e Encantos, Baú dos Avós, Fortaleza Cidade Saudável e Fraterna, Madalena e o Sagrado Feminino, Meu Povo Ancestral e Escravidão, Lutas de Libertação e Sendas Poéticas.

AUTORAS E SUAS OBRAS



Título: Pedro e a noite de São João
Autora: Lucirene Façanha



Título: As Linhas apagadas de minhas mãos
Autora: Jovina Benigno



Título: Sabores e Afetos
Autora: Inácia Girão



Título: Baú das Flores
Autora: Célia Oliveira



Título: Uma galinha chamada Teresa
Autora: Luiza Pontes

ESPAÇO DOS PADEIROS

PÁTRIA VELHA

Este país vai todo em polvorosa!
A anarquia por toda parte impera,
a lei sucumbe inerte e dolorosa,
a tirania estúpida prospera.

Da traição medra a planta venenosa,
a semente dos ódios prolifera,
a dilapidação campeia e goza
das vacas gordas a ditosa era...

As eleições são conto de vigário,
couro e cabelo tira-nos e erário,
geme a lavoura, os bancos não têm fundos

Mas — para consolar-nos deste inferno —
brevemente a mensagem do governo
dirá que estamos no melhor dos mundos!

TERRA DE SOL

O áureo malho do sol bate na incude
Da rocha estriada de malacachetas,
E mil faíscas, nesse embate rude,
Se desprendem das rútilas facetas.

Sem uma sombra amiga que as escude
Contra a soalheira, que abre o chão em gretas,
Buscam sedentas o longínquo açude
Vacas ossudas de engelhadas tetas,

É de ouro fulvo a grama ressequida;
A estrada poenta, em sinal de viga
Para os sertões intérminos se alonga...

E na mudez da abóbada infinita
Ouvi: parece que é a luz que grita
No tinido estridente da araponga.

Antônio Sales nasceu em Paracuru no dia 13 de junho de 1868 e faleceu em Fortaleza no dia 14 de novembro de 1940. Autodidata. Foi jornalista, deputado estadual (1893-1896), secretário do Interior e da Justiça e, por muitos anos, trabalhou no Tesouro Nacional, no Rio de Janeiro. Poeta e prosador, tendo cultivado o romance, o conto, o ensaio e o memorialismo. Foi uma notável personalidade da literatura cearense, fundador e elemento central da Padaria Espiritual, em 1892, da qual foi o primeiro padeiro-mor, adotando o nome de guerra Moacyr Jurema. O trabalho por ele realizado no Ceará teve ampla repercussão nacional e, no período em que viveu no sul de país, privou da amizade de altas figuras da intelectualidade brasileira. Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 8 de setembro de 1922, no período da primeira reorganização do sodalício, ocupando a cadeira número 33, então sem patrono. Na reorganização de 1930, passou para cadeira número 20, cujo patrono era José Martiniano de Alencar. Foi presidente da Academia Cearense de Letras no período de 1930 a 1937, e presidente de honra de 1937 a 1940.



Foto: Divulgação



O PÃO

BOLACHINHAS

Leitoras, o pão (jornal)
Que está na ordem do dia,
Vae ter uma freguesia
Enorme, na capital.

Com tudo, a população
Pode na terra viver,
Porem passar sem comer...
Leitoras, isto é que não !

Por isto é que o nosso pão
Sendo tão extr'ordinario,
E' hoje o mais necessario
A' toda a população...

Pão—é vida ; pão—é goso
Pão—é germen da alegria,
E' tructo mysterioso
Da árvore da sympathia.

Pois é com pão (salvo seja)
Meninas, com que se faz,
A hostia com que na egreja
Dos peccados vos... limpaes !

Trabalhai, pois, pelo pão,
Queridas leitoras minhas,
Que eu vos dou as Bolachinhas;
A cinco... por um tostão;
Prestai auxilio e razão,
A' nossa aggremação
Ao nosso grande ideal;
Que no fim desta campanha,
Podemos, a vosso lado,
Vos mostrar o resultado
Da massa... espiritual !

POLYCARPO ESTOURO.

Dialogo entre um Padeiro e uma moça :

—Qual é o preço d'O Pão?

—60 reis, minha senhora.

—Oh ! E' muito caro ! Pois não vê logo que não dou meus tres vintens pel'O Pão ?

—Ah ! E' porque V. Exc. não tem ...fome !

POR QUEM SÃO !....

Muito amavel recepção teve a *Padaria Espiritual* por parte dos collegas d'A *Republica*, do *Diario*, do *Operario* e do *Silva Jardim*, que fez uma delicada e espiituosa critica ao nosso programma.

Clovis Bevilacqua teve a gentileza de dirigir-nos a seguinte carta :

Cidadão MOACYR JUREMA

Agradeço-lhe cordialmente a remessa dos estatutos da *Padaria Espiritual* e affirmo-lhe que estou prompto a concorrer para o desenvolvimento dessa intelligente associação, cujo nascimento annuncia as phosphorescencias de um espirito fino e causticante.

Brevemente farei a remessa das obras e folhetos que tenho publicado.

Do P. e amigo

CLOVIS BEVILAQUA

D'A *Provincia do Recife* :

Recebi hontem dous officios : um do Exm.^a Sr. Governador do Estado, communicando-me haver nomeado diversos cavalheiros" para auxiliarem a comissão nomeada em 2 de Setembro findo para animar e preparar cidadãos deste Estado a concorrerem com objectos e artefactos que figurem na exposição *The World's Columbian Exposition*" e outro de Moacyr Jurema, 1.^o Secretario da *Padaria Espiritual*, pedindo-me para que secunde aquella aggremação "moral e materialmente, recommendando-a em todos os circulos de minhas relações".

Quanto a Moacyr Jurema, o que mais posso fazer em beneficio da *Padaria Espiritual* do que aqui transcrever na integra todos os artigos dos seus Estatutos ?



A PADARIA ESPIRITUAL

Padaria Espiritual, a original agremiação fundada em Fortaleza, na Rua Formosa (hoje Barão do Rio Branco), número 105, em 30 de maio de 1892, entidade que logo veria seu nome repercutir em todo o país, pela inédita bizzarria de seu programa.

Como "padaria", propunha-se produzir o pão do espírito: seus sócios eram chamados de "padeiros", sendo Padeiro-Mor o presidente, Primeiro-Forneiro o secretário, e "amassadores" os demais sócios. Como era de se esperar, intitulou-se O Pão o órgão da entidade na imprensa. "Fonia" era o local das sessões que, por sua vez, se denominavam "fornadas". Foi Antônio Sales o idealizador da sociedade e que lhe redigiu o Programa de Instalação

Padaria Espiritual (em sextilhas)

- | | |
|---|---|
| 1
A famosa "Padaria
Espiritual" surgiu
no século dezanove,
em Fortaleza e seguiu
singular e irreverente,
grêmio de jovens fluiu. | 5
Direito, religião,
Literatura, ciência,
Música, contos, até
a grande irreverência
dos padeiros no jornal
literário de excelência. |
| 2
Essa tribo literária -
bons artistas e escritores
estimulavam as letras
no Ceará de valores
"Padeiros", assim chamados
os sócios fundadores. | 6
Os padeiros conseguiram
projetar a Padaria
Espiritual no espaço
Nacional que selaria
a consagração gremista
com muito humor e ironia. |
| 3
O líder Antônio Sales
redigiu regulamento,
com quarenta e oito artigos,
bem-humorado instrumento
foi lido na fundação
maio, trinta, o fundamento, | 7
A agremiação de jovens
fez parte da tradição
literária cearense
com ótima produção
cultural e divulgou
no país - jornal "O Pão". |
| 4
Os padeiros publicaram
o Jornal intitulado
"O Pão" que por trinta e seis
edições foi trabalhado:
poemas, artigos, crônicas
isso tudo publicado. | 8
Aqueles jovens padeiros
fizeram a diferença
nas letras Alencarinas
com forte presença
no Brasil e exterior,
do Ceará é pertença. |



Café Java em 1892
Foto: Divulgação



Café Java em 2025
Foto: Divulgação

- 9
Que grandioso legado
de promover a cultura
com livros e com humor
fizeram literatura
no Ceará, no Brasil,
tão bela propositura.

Fonte:
<https://www.recantodasletras.com.br/cordel/8297594>

Francisco Lopes (Dedé Lopes)

Membro da UBT-Maranguape, UBT-Ceará, UBT Fortaleza, ACLA, ALJUG, ACLC e Grupo Literário Andarilhos da Cultura.